

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELECTUAL DA UNICAMP

Versão do arquivo anexado / Version of attached file:

Versão do Editor / Published Version

Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:

<https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/152144>

DOI: 10.11606/issn.1984-1124.v0i23p65-87

Direitos autorais / Publisher's copyright statement:

©2019 by USP/ FFLCH. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>

Suicídio, desejo e gozo na escrita literária: uma análise psicanalítica do “Patriotismo” de Yukio Mishima

Rafael Salmazi Sachs¹
Renan Kenji Sales Hayashi²

Resumo: O presente artigo descreve resultados de análise de um conto do japonês Yukio Mishima, no qual são abordadas questões sobre suicídio, sexo, honra, além do próprio patriotismo, aspecto central que nomeia a obra. Tal conto é relevante por possibilitar gestos de interpretação em campos que extrapolam as teorias literária e textual, viabilizando uma articulação com propostas dos campos do discurso e da Psicanálise. Esta última, de maior relevo neste trabalho, interessa particularmente porque oportuniza (re)pensar as relações entre constituição subjetiva, escrita, desejo e alteridade. Para condução da presente investigação, lançamos mão de revisão bibliográfica e análise discursiva da materialidade linguística como escolha metodológica. Destarte, tendo o material discursivo como ponto de partida, foi-nos possível destacar efeitos de sentido que emergem do texto de Mishima, em interpretações que encadeiam de maneira complexa as noções de corpo, sexo, gozo e o suicídio como mote de criação. Os resultados asseveram que, dada a especificidade da escrita de Mishima – bem como a dimensão complexa das questões que ele aborda –, os gestos de interpretação ampliam e/ou subvertem sentidos de vida-morte, suicídio, desejo e gozo, ao tempo em que problematizam a escrita como um exercício de alcance da sublimação.

Palavras-chave: literatura japonesa; psicanálise; escrita; Yukio Mishima.

Introdução

No dia vinte e oito de fevereiro de 1936 (isto é, no terceiro dia do incidente de 26 de fevereiro), o Tenente Shinji Takeyama, do Batalhão de Transporte Konoe – profundamente perturbado com a notícia de que seus colegas mais chegados estavam com os amotinados desde o começo e indignado com a perspectiva do iminente ataque por parte de tropas imperiais a tropas imperiais – apanhou sua espada de oficial e, seguindo o cerimonial, abriu o ventre de alto a baixo, na sala de oito

esteiras, em sua residência particular, no sexto quarto do Aobacho, em Yotsuya. Sua mulher, Reiko, o acompanhou, apunhalando o próprio pescoço. O bilhete de adeus do tenente tinha apenas uma frase: “Vivam as Forças Imperiais.” O de sua mulher, depois de pedir desculpas aos pais por precedê-los no túmulo, dizia: “O dia que tem de chegar para a mulher de um soldado, chegou...” (MISHIMA, 1987, p. 103)

Morte. Vida e morte. Vida-morte. Seria possível falar sobre uma sem

¹ Doutorando em Linguística Aplicada pela UNICAMP. Bolsista CNPq. Contato: rafael.sachs@gmail.com

² Doutorando em Linguística Aplicada pela UNICAMP. Bolsista CAPES. Contato: renanhayashi@hotmail.com

referirmo-nos à outra? Mais que isso, seria possível tocar em alguma verdade (se é que existe) que versa sobre elas? O escritor japonês Yukio Mishima³ (1925-1970) talvez tenha ensinado tal intento ao longo de sua extensa obra, mais notadamente no conto “Patriotismo”⁴, do qual foi retirado o excerto acima. Como pode ser visto, Mishima abre o conto com uma descrição breve dos instantes finais de vida dos protagonistas, Shinji e Reiko, que se entregam à morte por suicídio – cada qual à sua maneira – após um instante ritualístico de preparação fúnebre que envolveu uma (intensa) relação sexual e a escolha de vestimentas honrosas que viabilizassem o ato de tirar a própria vida com a estofa necessária.

O que nos move a investigar tal produção literária não é necessariamente a narrativa *per se*, que já a coloca em relevo junto a outras obras sobre vida e morte – ou até mesmo entre livros outros do próprio autor –, mas, sobretudo, a maneira específica pela qual Mishima aborda tais questões e as envolve com véus improváveis, compondo um quadro singular e inquietante que demanda, pois, um olhar investigativo. A título de exemplo, podemos citar a maneira como o sentimento de devoção é sugerido quando a submissão do Tenente Shinji ao que ele acredita ser a vontade do Estado Japonês gera a decisão de tirar própria vida ante a iminência de perdê-la em mãos indignas. Da mesma forma, Reiko, a esposa, seguindo o protocolo matrimonial japonês à época, ratifica sua devo-

ção ao marido Shinji com a promessa de suicídio após assistir o dele. E tudo isso é apresentado, no conto, de modo dramático, numa atmosfera de gozo que explora os limites do corpo, da existência e do espaço e tempo etéreos, promovendo uma curiosa articulação entre o gozo mortífero do suicídio e a plena sensação de entrega à alteridade, em toda a dimensão de autoridade que carrega.

Hirata (2005) assevera que, na obra de Mishima, a morte não é texto, mas o ritual o é. Nesse sentido, não lemos a morte, lemos o ritual por meio do qual ela se produz. Diante de tal complexidade, faz-se necessário nos apoiarmos em bases teóricas que problematizem tais questões, buscando apontar caminhos e sentidos que compreendam a dimensão singular e, ao mesmo tempo, inapreensível daquilo que parece sempre escapar aos nossos sentidos e às nossas tentativas de sistematização. É na psicanálise, mais especificamente nos escritos de Freud ([1895] 1977, [1920] 2010) e Lacan ([1958-1959] 2016, [1959-1960] 2008), que pudemos encontrar eco para esses nossos gestos de interpretação sobre o texto de Mishima, bem como para os questionamentos daí advindos. Nesse sentido, pautaremos nossa investigação em uma articulação entre a análise da materialidade linguística, calcada em bases discursivas, e noções psicanalíticas que questionam a condição subjetiva, a energia de vida e morte, bem como sexo, gozo e (des)prazer.

Embora existam estudos anterio-

³ Yukio Mishima é o pseudônimo literário de Kimi-take Hiraoka (1925-1970). É bastante comum que autores japoneses, em especial aqueles enquadrados nas literaturas moderna e contemporânea, adotem nomes outros para assinar a autoria de suas obras. Um exemplo famoso é da autora Mahoko Yoshimoto, cujo pseudônimo é Banana Yoshimoto.

⁴ Tradução para o português do Brasil do título original *Yūkoku* (憂國), escrito por Mishima em 1960.

res sobre o “Patriotismo”, como visto em Lee (2007), Mohamed (2012) e Cunha e Kanashiro (2016), nenhum desses trabalhos aborda as questões temáticas presentes no conto do escritor japonês a partir do ponto de vista deste estudo, razão pela qual entendemos ser bastante pertinente nosso intento de problematizar essa obra de Mishima a partir do crivo teórico explicitado nas linhas anteriores e melhor discutido nas seções que seguem.

Temos conhecimento de que nossa proposta é um tanto de risco, pois, além do edifício teórico da psicanálise ser de reconhecida dificuldade de apreensão, podemos incorrer em resultados de análise que posicionem as personagens em categorias inadequadas e a partir de apontamentos mais apropriados à clínica psicanalítica que a uma análise literária. Contudo, longe de querer “deitar as personagens no divã”, cercamo-nos de cuidados para minimizar tais efeitos, ao tempo em que não nos furtamos em apontar na materialidade linguística efeitos de sentido que possam ser mais bem compreendidos se postos em relevo a partir dos encaminhamentos psicanalíticos. Para além disso, propusemos circunscrever nossa análise a apenas alguns conceitos específicos da psicanálise, justamente para evitar que a discussão tomasse proporções incontrolláveis – razão pela qual fica desde já indicado que outras tantas abordagens similares seriam possíveis, caso outras noções teóricas fossem mobilizadas.

Dito isso, esclareça-se que vislumbramos no conto de Mishima um espaço apropriado para discussão e problematização de questões que exercem força nos leitores e escritores de textos que retratam tabus como a morte, o sexo, o suicídio e, em última instância, a condição subjetiva de um autor, cuja obra reflete experimentações dos limites da existência, do prazer e da experiência extrema do gozo. O que está em jogo, portanto, mais que a análise do conto em si mesmo, é a reflexão sobre as intersecções que se pode traçar entre a escrita (ou, mais amplamente, as diferentes práticas de linguagem) e a expressão (mais ou menos inconsciente) de questões afetivas muito profundas e caras ao humano.

Por fim, frisamos que este texto não pretende apresentar resultados de análise absolutos e contundentes, dado que se configura como uma pesquisa exploratória e certamente incipiente. Contudo, acreditamos haver argumentos sólidos que favorecem a condução dessa investigação, uma vez que poderá incentivar outras costuras teórico-metodológicas que tencionem estabelecer paralelos entre produções do Oriente e do Ocidente, do cânone e do subalterno, do belo e do sublime, posicionadas, enfim, entre “eu” e “outro”.

O artigo se estrutura com referencial teórico que norteou nosso gesto interpretativo, localizando o autor e a obra analisados em um recorte que abre espaço para discussões que articulem linguagem e psicanálise a partir de excertos do

texto de Mishima, os quais serão apresentados na subseção de resultados de análise. Princípios com uma localização das condições de produção históricas do conto para, em seguida, pontuar elementos da teoria psicanalítica, sem quaisquer intenções de discutir exaustivamente ou apresentar integralmente todas as possibilidades de articulação dos conceitos alçados por nós. Em seguida, salientamos nossas escolhas metodológicas, justificando usos, descrevendo métodos e esclarecendo opções de análise. Finalmente, a análise contextualizada.

1. Yukio Mishima – narrativas de um eu-desejante

*E se a condição primária de nosso ser não for a autopreservação, mas o gozo?*⁵
(Hosea Hirata)

Yukio Mishima, logo de início, apresenta em “Patriotismo” o recorte histórico-social de seu conto: a revolta de 1936 ocorrida no Japão. Segundo Kato (2012, p. 140), essa revolta foi um golpe de Estado, acontecido em 26 de fevereiro, principiado pelos ultranacionalistas Kôdôha (uma facção do exército imperial japonês), que desejavam um golpe militar e a tomada do poder, mas fracassaram por haver divergências internas no próprio exército insurgente. Ocorre que, para compreendermos a textura dessa revolta, pano de fundo do conto, precisamos retornar alguns anos, à Era Meiji (1868-1912). Dife-

rentemente do padrão de recorrência da história ocidental, a história do Japão é dividida em eras, as quais tinham – e a ainda têm – larga influência do imperador no poder, assim como dos antigos domínios feudais, cujos líderes, chamados xoguns, também ditavam a dinâmica histórica.

Na Era Meiji, estabeleceu-se o propósito de tornar o Japão um país rico e militarmente forte, para vias de modernização, após tão longo período de feudalismo. Com o fim dos xogunatos, as ordens imperiais eram claras: dominar o poder político, enviar delegações e estudantes japoneses para nações estrangeiras desenvolvidas para coleta de informações, modernizar as forças armadas por meio do serviço militar e planejar o sistema educacional nacional sob a orientação do Estado Japonês (KATO, 2012, p. 132). Ao mesmo tempo, procurou-se cuidadosamente estabelecer o culto ao imperador – sob o lema “respeito ao imperador e expulsão dos estrangeiros”, que era apresentado por associação ao nacionalismo e a uma ideia de amor à pátria que, mais notadamente, supunha-se mais forte nas instituições estatais, entre as quais o exército.

Esse lema encontrou terreno fértil de propagação e aderência numa cultura que sempre nutriu grande respeito pela hierarquia e num imaginário coletivo que, pode-se dizer, orienta sua personalidade para o outro (KATO, 2012). Na sociedade japonesa, com tônicas como “adaptação da maioria” em detrimento de “liberdade de credo” e

⁵ Tradução nossa de “*what if the primary condition of our being is not self-preservation but jouissance?*” (HIRATA, 2005, p. 134).

“sistema grupal” acima do “sistema individual”, a disseminação de valores de extremo nacionalismo, amor à pátria e devoção ao imperador incutiram o senso de que, em honra a esses valores, deveria ser feito tudo o que fosse necessário, mesmo que isso incluisse tirar a própria vida em nome do líder soberano.

Possivelmente por isso, críticos literários e estudiosos apontam que, em algumas produções japonesas, não se deve buscar um valor intrínseco nas personagens, como uma camada interna a ser descoberta pouco a pouco durante a narrativa. Muitas vezes, a verdade da personagem está na exterioridade, conforme assevera Hirata (2005). Segundo a autora, especificamente sobre a obra de Mishima, a “interior[idade] nunca ganha existência a menos que seja arrastada para a superfície pelo desejo de se tornar outra (exterioridade) e fazer-se visível aos olhos dos outros”⁶ (HIRATA, 2005, p. 127).

Destarte, o ‘eu-desejante’ dos textos de Mishima é indicado somente como origem do desejo, sendo a direção deste firmemente estabelecida pela exterioridade, pelas superfícies, em suma, pela visibilidade – condição de exposição da verdade. Nesse sentido, Mishima coloca Shinji como um ser que deseja e ama, deseja a pátria e ama o imperador. Assim, o desejo de Shinji não é meramente o de um “eu-desejante”, mas o desejo desse Outro – o Estado Japonês – incutido nele.

Semelhante ao que acontece na

obra “Patriotismo”, a questão do “eu” ganha bastante visibilidade em certas narrativas de prosa japonesas, chamadas *Shishōsetsu*⁷, cuja estruturação perpassa um tom autobiográfico com toques ficcionais mínimos, salientando sentimentos e acontecimentos na vida desse “eu” (WAKISAKA, 1995). Cumpre-nos salientar que a ênfase dos *Shishōsetsu* no “eu” não pressupõe, porém, um foco na interioridade, como a crítica ocidental muitas vezes sugere. O que ocorre em tais obras, incluindo a de Mishima, é um descolamento de um certo tom confessional mais típico, que conhecemos a partir do Cristianismo, já que, nelas, o “eu” se revela não a partir do que pensa ser, mas ao narrar o processo de desejar o que não tem e o que não é. Assim, o desejo aparecerá como usurpado pelo objeto de amor e devoção – no caso, patriotismo e amor à pátria. Bem por isso, como veremos, os momentos de gozo tendem a aparecer, na obra de Mishima, acoplados à morte e, essencialmente, a uma postura masoquista (HIRATA, 2005, p. 128), cujo resultado, no conto ora analisado, será o suicídio, marcado por uma tonalidade muito particular, que nos propomos a evidenciar.

2. O desejo e sua dimensão trágica

Para melhor caracterizar tais reflexões, situando nossa análise entre os conceitos de prazer, desejo e gozo, é preciso, porém, convocar a teoria psicanalítica, de modo a es-

⁶ Tradução nossa de “[...] *the interior never comes into being unless it is dragged to the surface by a desire to become the other (exteriority) and is made visible to others’ eyes*” (HIRATA, 2005, p. 127).

⁷ Em japonês, 私小説 (*shishōsetsu*) ou ainda わたくし小説 (*watakushōsetsu*). Na língua japonesa, o ideograma 私 (*watashi*) pode significar tanto “eu” – primeira pessoa do discurso –, quanto o sentimento de “privado” em oposição ao “público”. 小説 é uma forma de narrativa, mais precisamente do naturalismo japonês, a qual apresenta diferenças das formas clássicas de escrita como 説話 (*setsuwa*) e/ou o 物語 (*monogatari*).

clarecer quais de seus aspectos foram considerados para o amálgama teórico com que nos lançamos à compreensão do conto de Mishima. Partiremos, para isso, de algumas noções fundamentais à teoria freudiana, tal qual aprofundadas por Lacan em seus seminários, de maneira especial os de número 6 e 7.

A princípio, justifica-se aqui a abordagem lacaniana pelo fato de que sua psicanálise propõe compreender o sujeito humano como radicalmente constituído no/pelo contato com o Outro, definido como aquele(s) que lhe oferece(m), nos momentos mais desamparados de sua existência, quando ainda recém-nascido, não apenas as condições para uma sobrevivência física e biológica, mas também a possibilidade de aquisição da linguagem e de inserção em um contexto social e cultural já organizado (LACAN, [1959-1960] 2008). Para realizar tal proposição, Lacan parte, entre outras fontes, de uma retomada às primeiras tentativas freudianas de sistematização de suas reflexões, sobretudo no famoso “Projeto para uma psicologia científica” (FREUD, [1895] 1977), que contém algumas das primeiras considerações de Freud a respeito do que ele chamará de “experiências de satisfação”.

Esses momentos primordiais correspondem, para Freud ([1895] 1977), às situações em que, tomado pelos primeiros estímulos oriundos de suas necessidades somáticas, o bebê humano clama, quase que em ato-reflexo, a alguém que lhe cuide, sem nada saber do que exatamente lhe provoca desconforto. Ao atender ao choro, o responsável por ajudá-

lo lhe oferece, então, suas primeiras experiências da sensação de alívio em relação aos estímulos endógenos, a qual será, ao longo de toda a teoria freudiana, associada à eliminação da dor, ou, de maneira positiva, ao que ele entende por prazer e satisfação. Freud indica que tais experiências de satisfação vão deixando, nesse processo primordial, uma série de marcas constitutivas, sob a forma de traços mnêmicos, resíduos fragmentários de percepção que ajudarão a fundar, no aparelho psíquico em estruturação, a própria noção do que significa estar satisfeito. Ele explica que tal noção virá a ser constantemente procurada pelo sujeito diante de todas as situações de desconforto que vier a experimentar (FREUD, [1895] 1977, p. 241), quase como se constituísse uma memória de caminhos sempre propensos à eliminação de qualquer desprazer.

Ocorre que, ao ter suas necessidades satisfeitas, a criança humana recebe, também, os primeiros contatos com a linguagem, por meio dos quais vai, aos poucos, tornando-se ela própria um falante:

O organismo humano é, a princípio, incapaz de promover essa ação específica [que lhe daria alívio]. Ela se efetua por *ajuda alheia*, quando a atenção de uma pessoa experiente é voltada para um estado infantil por descarga através da via de alteração interna. Essa via de descarga adquire, assim, a importantíssima função secundária da *comunicação*, e o desamparo inicial dos seres humanos é a *fonte primordial* de todos os *motivos morais* (FREUD, [1895] 1977, p. 241, grifos do autor).

Em outras palavras, aquele que oferece ao bebê seus primeiros cuidados, o Outro da teoria lacaniana, é também o responsável por implantar no sujeito, em associação direta com as primeiras experiências de prazer, as primeiras relações com a linguagem, a partir do que Freud trata, a princípio, por “comunicação”. Desses momentos fundantes em diante, pela força dos traços de memória associados a tal implantação, o bebê se constituirá humano na tentativa constante de repetir, ainda que por aproximação, a satisfação originária, experimentada no corpo antes de qualquer linguagem. Nasce aí, para Lacan ([1959-1960] 2008), o desejo, noção que designa justamente essa busca incessante do psiquismo por objetos que lhe devolvam a inalcançável percepção garantida pelas primeiras experiências de satisfação.

No que diz respeito ao emprego do conceito de desejo para os objetivos deste artigo, será preciso frisar que, para Lacan ([1962-1963] 2005, p. 31), “[...] o desejo do homem é o desejo do Outro”, na medida em que é o Outro que aponta ao sujeito em constituição o caminho para sua satisfação. Isto porque, por ser ainda desprovido da linguagem, o bebê recebe, junto à experiência de satisfação, todo o conjunto de significações que o Outro lhe atribui, por meio da qual o insere na cadeia dos significantes que compõem a linguagem humana, marcando-o com os traços de seu próprio desejo, de sua própria maneira de começar a significar o

mundo.

Seria esse o sentido, pois, do que alega Freud ao dizer que “o desamparo inicial dos humanos é a *fonte primordial* de todos os *motivos morais*”: ao aceder à lógica dos significantes que estrutura seus primeiros enunciados na linguagem, o sujeito em formação passa a produzir por meio deles demandas, expressões de suas necessidades, as quais são correspondidas por um Outro que lhes confere seu próprio estatuto como tal, bem como seus significados específicos (LACAN, [1959-1960] 2008). À vista disso, a figura do Outro nos serve de referência para o desenvolvimento de uma noção subjetiva do “eu”, pautada constitutivamente numa alienação, uma vez que denota, na verdade, uma essência fora de si mesmo, cujo modo de desejar e de pensar é moldado por um Outro (SAFATLE, 2017). Por isso, não raro ouvimos falar da *dependência constitutiva do Outro*, que se manifesta em toda a existência psíquica do sujeito e no conjunto de imagens que guiam tanto o desenvolvimento da personalidade, quanto a própria noção de realidade e sua relação com o ambiente imediato. De tal modo, é a partir da imagem do Outro que o “eu” orienta seu desejo e a sua relação com o mundo.

Todavia, em Lacan ([1958-1959] 2008), vemos que esse desejo não é orientado para artefatos empíricos. O desejo manifesta uma negatividade pura, a qual refuta a noção de um desejo humano por objetos. Estes objetos, por vezes, se mostram inadequados ao desejo. Dessa for-

ma, vê-se revelada a face mais complexa da instância subjetiva: o desejo humano deseja desejos, o que Lacan nomeou como “desejo puro”. Percebe-se, pois, que a dimensão individual entra em colapso, uma vez que o sujeito desconhece a forma do seu desejo e o tem sempre em função do Outro, pois seu desejo é sempre o desejo do Outro. Reconhecer-se sujeito desejante é, assim, reconhecer a pura presença de um negativo constituído pela alteridade.

Dessa forma, o desejo se sustenta na falta que o constitui. Portanto, investir em direção ao desejo acarreta o risco de minar o equilíbrio instável que lhe é indispensável, o que pode desembocar, não raro, na aniquilação do próprio sujeito. Na psicanálise, a clínica é direcionada pela injunção ética de levar o sujeito a não ceder em seu desejo (SAFATLE, 2017). Entretanto, por vezes, o sujeito empreende iniciativas em direção a este que trazem no bojo o risco de suprimir a tensão indispensável à lógica própria da sustentação do mecanismo desejante, risco esse que, se bem-sucedido, acarreta a inércia, portanto, a morte.

Ainda assim, essa mesma iniciativa de busca do desejo tem sua face épica, no sentido de que o herói é justamente aquele que se lança em direção ao seu desejo, mesmo que isso represente sua morte ou aniquilação. A isso podemos nomear como a dimensão trágica do desejo, que não deixa de comportar certa beleza: nela, o sujeito se afasta de seus bens, que lhe garantiam um senso de segurança frente ao risco implicado na busca do desejo, e se lança ao vazio negativo – que não é

senão a morte – não cedendo de seu desejo, não abdicando jamais dele, até quando a destruição está implicada (MAURANO, 1995).

À vista disso, entendemos que a dimensão trágica ecoa no texto de Mishima exatamente pela maneira heroica de perseguir o desejo, inclusive o desejo imaginado do Outro. Shinji e Reiko, cada uma à sua maneira se colocaram em estruturas de buscar o desejo do desejo do Outro. Os dois personagens sugerem que o sujeito, embora em dado momento venha a reconhecer sua demanda e até saiba formulá-la em palavras, vê-se sempre tomado por algo que lhe escapa nessa percepção, porquanto associado ao irrecuperável das satisfações primordiais, quase que míticas, relacionadas ao momento primeiro em que o Outro lhe implantou o próprio desejar. É nisso que consistiria, então, o caráter indireto do desejo, sempre metonímico, porque em última instância inacessível. A este ponto mítico e inalcançável ao sujeito, que deve ser entendido como experiência da ordem do excesso, entre dor e prazer, podemos associar, na teoria lacaniana, o conceito de gozo.

3. O gozo: de Freud a Lacan

Antes de abordar o conceito de gozo do ponto de vista de Lacan, traçaremos algumas considerações acerca de seu embasamento na teoria freudiana, que, embora não contenha em seu vocabulário o termo “gozo” propriamente dito, estabelece noções fundamentais a respeito, as quais são igualmente

interessantes à discussão da cena suicida engendrada em “Patriotismo”.

Uma dessas noções aparece na discussão freudiana acerca do denominado “princípio do prazer”, usado para descrever certas recorrências no comportamento dos processos psíquicos que seguiriam a tendência genérica de evitar o desprazer e buscar o prazer (FREUD, [1920] 2010). Ao associá-los, respectivamente, ao aumento e ao alívio de determinada carga de tensão imposta ao aparelho psíquico por diferentes graus de estimulação, Freud ([1920] 2010) teoriza o chamado aspecto econômico dessa discussão, reconhecendo o excesso como experiência incômoda, contra a qual caberia ao Eu psíquico se defender.

Entre as defesas psíquicas engendradas com esse objetivo, estaria o recalçamento, processo pelo qual um pensamento ou complexo de pensamentos potencialmente desprazerosos são eliminados da consciência do sujeito (FREUD, [1920] 2010). Não obstante esse afastamento, as sensações, memórias e experiências barradas pelo princípio do prazer parecem servir, à revelia deste, a um outro princípio, especialmente notável no caso das experiências traumáticas: uma inquietante compulsão à repetição. Como uma “manifestação de força” (FREUD, [1920] 2010, p. 179) contra o princípio do prazer, os elementos recalçados parecem, pois, resistir ao esquecimento, manifestando-se sob a forma de lembranças, sintomas e sonhos que pare-

cem levar aquele que os experimenta de volta a momentos angustiantes e desprazerosos do passado, os quais seria de se esperar que fossem mais facilmente, e com alívio, esquecidos.

Freud percebe, neste momento de sua obra, que uma tal permanência do passado é justamente o que ocorre com os que passaram por experiências traumáticas, associadas precisamente à ordem de um excesso tão elevado que o aparelho psíquico se vê incapaz de processá-lo. Tais expressões de excesso e a repetição de suas manifestações propõem uma interrogação à psicanálise, que leva Freud a postular a existência de algo além do princípio do prazer, algo que opera quando este se põe fora de ação:

Um evento como o trauma externo vai gerar uma enorme perturbação no gerenciamento de energia do organismo e pôr em movimento todos os meios de defesa. Mas o princípio do prazer é inicialmente posto fora de ação. Já não se pode evitar que o aparelho psíquico seja inundado por grandes quantidades de estímulo; surge, isto sim, outra tarefa, a de *controlar o estímulo, de ligar psicologicamente as quantidades de estímulo que irromperam, para conduzi-las à eliminação* (FREUD, [1920] 2010, p. 192, grifos nossos).

Este, seria, pois, o teor das manifestações repetitivas do traumático, daquilo que é da ordem do excesso: sua ocorrência estaria relacionada a uma tentativa de “lidar retrospectivamente com o estímulo” (FREUD, [1920] 2010, p. 195), que, no passado, não foi previsto em tempo de

ser evitado. Isso explicaria por que as experiências traumáticas e as impressões desprazerosas, usualmente barradas da consciência pelo recalçamento, não cessam de reincidir sobre quem as tenha experimentado, ainda que lhe provoquem todo tipo de angústia e desprazer.

A questão mais profunda que subjaz a esta discussão é a de que, no aparelho psíquico, haveria, então, um funcionamento conjunto, não obstante contraditório, entre princípio de prazer e compulsão à repetição, entendida como espécie de funcionamento conservativo em atuação constante em todo organismo vivo. Essa tendência conservadora será posicionada por Freud ([1920] 2010) como elemento fundante de sua reflexão acerca da presença, em todos os seres vivos, não apenas de impulsos que os impelem para a continuidade da vida, mas também dos que remetem à morte, entendida em si mesma como grau zero de todas as tensões e estímulos, numa espécie de retorno à matéria inanimada:

Se é lícito aceitarmos, como experiência que não tem exceção, que todo ser vivo morre por razões *internas*, retorna ao estado inorgânico, então só podemos dizer que *o objetivo de toda vida é a morte* e, retrospectivamente, que *o inanimado existia antes que o vivente* (FREUD, [1920] 2010, p. 204, grifos do autor).

Embora fuja ao escopo deste artigo precisar em todos os seus meandros as teorias pulsionais freudianas, cabe salientar que tais reflexões dão sustentação à polêmica oposição entre pulsões de vida e de

morte, sobre a qual se sustentará, também, boa parte da teoria lacaniana. Para os efeitos da análise ora proposta, porém, caberá apenas elucidar a associação, sugerida também em Metzger (2017, p. 17-18) entre toda essa discussão freudiana acerca do trauma e o conceito de gozo em Lacan, na medida em que ambos remetem, pois, a uma mesma espécie de experiência: algo da ordem de um excesso ao qual o aparelho psíquico se vê incapaz de dar vazão. Desse modo, esta breve retomada das observações freudianas serve, aqui, ao propósito de apresentar o embasamento que oferecem às considerações lacanianas sobre o gozo.

O ponto de aproximação primordial entre tais teorizações está no fato de que Lacan ([1959-1960] 2008) parece associar, sob certo aspecto, a noção de gozo a uma experiência primordial de excesso, que coincidiria com o tempo da própria fundação do sujeito. Enquadra-se aqui o uso das expressões lacanianas de “gozo do Outro”, pelas quais remete a um “gozo suposto”, originário, definível como a experiência de excesso implantada no corpo antes mesmo de este se inserir no jogo do significante, no jogo da linguagem humana. A esta experiência que só pode ser situada nos primórdios da estruturação do sujeito, Lacan tratará, em outros momentos, como experiência da *Coisa [das Ding]* freudiana, em referência direta a um *quantum* de excitação que, no princípio da vida psíquica, permanece impossível de ser escoado, de maneira análoga ao que se daria na experiência trau-

mática (FREUD, [1895] 1977).

A esta conceituação do gozo enquanto excesso não simbolizável, originário, que, portanto, não cessa de incidir, sucede-se outra, apresentada na teoria lacaniana através da noção de “gozo fálico”. Tratar-se-ia, então, de uma forma possível de experiência do gozo, acessada a partir de uma aceitação, por parte do sujeito, daquilo que lhe é interdito, irrecuperável, em relação a essa experiência primeira e fundante de contato com o Outro.

Para Lacan ([1959-1960] 2008), tal aceitação se dá pela sujeição à linguagem, que posiciona sujeito como efeito na cadeia de significantes, oportunizando-lhe alguma forma de acesso, ainda que restrita, a experiências de gozo. Contudo, o processo de significação, na verdade, nunca se esgota, de forma que, junto a esse gozo fálico, sempre se vislumbra, também, um tanto não simbolizável, algo que falta-a-ser, definido como “mais-de-gozar”, aquilo que escapa à significação.

Haveria, pois, na articulação entre essas três instâncias do conceito de gozo, uma aproximação à teoria freudiana, na medida em que todas parecem abordar a mesma problemática: a do excesso que deve ser gerenciado pelo aparelho psíquico, bem como dos modos pelos quais esse excesso é escoado. O gozo originário, gozo do Outro, implantado pelo Outro num momento chave em que o sujeito é incapaz de simbolizá-lo e destiná-lo, tomaria, nesse sentido, a forma de uma experiência excessiva primordial, da ordem do traumático, a respeito da

qual todo princípio de prazer se suspende, passando a operar de maneira preponderante uma compulsão à repetição.

Esta só se faria alcançável de maneira fragmentada, parcializada, sob a forma de um gozo submisso à lógica da linguagem e que, como é próprio desta, permaneceria incompleto, razão pela qual se manteria sua busca incessante pelo que falta-a-ser, pelo “mais-de-gozar” que a linguagem sempre deixa de incluir.

É dessa forma que pretendemos, pois, articular a dimensão do excesso, do gozo, por oposição à dimensão do prazer, ao conto de Mishima, como se verá adiante na análise. Para tanto, convém apontar, como também reforça a leitura que Metzger faz de Lacan, que “o gozo pode ser entendido como *causa do significante*, na medida em que a tentativa do inconsciente, estruturado como linguagem, é justamente a de processar o gozo que invadiria o sujeito” (METZGER, 2017, p. 83). Desse modo, pode-se falar em:

um paradoxo, uma contradição entre o gozo e a lei da linguagem, que, impondo sua regulação, obriga o sujeito a abdicar do gozo, convertendo-o em termos aceitos pelo laço social. Assim, temos um recorte no gozo – que é desde o início gozo do corpo – e que implica um modo específico permitido: por meio do gozo linguageiro, colocado fora do corpo (METZGER, 2017, p. 83).

Advém daí a razão para ampararmos nossa leitura de “Patriotismo” justamente nas noções psicanalíticas aqui discutidas: no conto,

o paradoxo entre gozo e lei parece suspenso, ou, no mínimo, estabelecido em termos outros. No contexto vivido por Shinji e Reiko, o Outro que os constitui não proíbe o suicídio, antes o reconhece como expressão de honra, conferindo ao ato de autoaniquilação – por si só, extremo e carregado pelo excesso – toda chancela que a lei lhe poderia oferecer. Dessa forma, gozar do corpo, atingir de maneira mórbida um júbilo excessivo, que se contrapõe ao desejo a ponto de destruí-lo, assume as feições de um gozo linguageiro, cuja dimensão trágica está justamente em que aconteça por causa do Outro. É esta a significativa particularidade do “Patriotismo” de Mishima: matar-me pelo Outro parece, ao mesmo tempo, lei e transgressão. Vida e morte. Entre-lugar.

4. Metodologia: escolhas epistemológicas

No presente artigo enviamos nossos objetivos de pesquisa para um norte que buscasse uma articulação teórica original entre campos, à primeira vista, distintos e com diferentes objetos epistemológicos, mais do que uma análise literária que apontasse apenas breves caminhos de interpretação e crítica. Assim, buscamos conciliar as noções trazidas da psicanálise freudolacaniana com conceitos teóricos dos estudos do discurso e, indubitavelmente, da própria Literatura Japonesa.

A fim de ajudar a explicitar o caráter produtivo de aproximar fios

teóricos tão distintos, elegemos o texto “Patriotismo” do escritor japonês Yukio Mishima como o repositório de materialidades linguísticas que possibilitaram analisar efeitos de sentidos obtidos a partir não somente de uma leitura literária, mas, sobretudo, de um esforço de compreensão da dimensão da obra e do cruzamento de assuntos ainda polêmicos à época, como sexo e suicídio.

Dizemos que nós, pesquisadores, “elegemos” o texto de Mishima como *corpus* de pesquisa. Entretanto, não seria exagero de nossa parte afirmar que o texto também nos elegeu como objeto de análise, pois em cada gesto de leitura direcionado a ele, lemos nosso próprio ser e agir. Em cada palavra que denota a entrega das personagens ao desejo imaginado do Outro, vemos a nós mesmos nos entregando à trama da narrativa e nos questionando: *Che vuoi?* Em cada movimento de devoção, colocamo-nos no lugar dos protagonistas, questionando decisões e manifestações de amor e honra. Em todo corte na carne do ventre e do pescoço de Shinji e Reiko, somos convidados a cortar mais fundo no texto de Mishima e, por conseguinte, em nós mesmos leitores.

A alegoria do corte nos é produtiva no presente artigo, pois em Corracini (2015), vemos que cada gesto de interpretação pressupõe uma fissura no texto, uma cisão com bisturi que corta o texto e nos permite olhá-lo mais a fundo, de dentro, em seus tecidos mais profundos. Esta é a razão pela qual, segundo a autora (2015), toda interpretação é um

gesto de violência que envolve a pulsão do olhar.

À vista disso, nosso gesto de violência de corte textual incidiu e insistiu sobre o conto “Patriotismo” visando a responder às seguintes perguntas: de que maneira questões humanas profundas envolvendo desejo, gozo e suicídio são entrecidas no conto de Mishima? Além disso, de que forma o conto “Patriotismo” possibilita vislumbrar a dimensão trágica do desejo? Com estas perguntas, tencionamos trazer à baila um quadro geral de sentidos possíveis rastreáveis na materialidade linguística e que possibilitam o trabalho com temáticas ditas polêmicas – tanto à época da escrita do conto, como ainda hoje – visto que é isso, primordialmente, que nos chama a atenção no texto, além, é claro, do estilo de escrita de Mishima, o qual também é analisado.

Para responder tais perguntas, procedemos previamente a uma revisão bibliográfica e seleção de autores relevantes para o escopo desta pesquisa e analisamos a materialidade linguística do conto. Em seguida, a quatro mãos, tecemos os resultados de análise que são apresentados a seguir.

5. Resultados de análise – desejo, gozo e suicídio em Mishima

Shinji e Reiko, jovem casal japonês. Na iminência de uma morte pouco honrosa na Revolução de 1936, Shinji decide o indecível: assegurar a honra e tirar sua própria vida. Reiko, esposa, sabia que,

se o marido fosse, ela deveria ir junto. A dimensão trágica da decisão do casal é apenas um dos elementos que configura a atmosfera do conto. Nos entreatos de vida e morte, o que se desenvolve é uma verdadeira passagem ao ato. Ao ser requisitado como membro do exército, Shinji sai determinado e, “no rosto do tenente, quando saiu apressado em meio à neve da manhã, Reiko vira a determinação de morrer. Se o marido não voltasse, sua decisão estava feita: morreria também” (MISHIMA, 1987, p. 106).

Reiko encontra no outro, seu marido, o destino de sua vida. Não somente o destino, mas também a fonte de seu desejo. Pode-se afirmar que Reiko desejava o que ela imagina que Shinji desejasse para ela. É bem verdade que o ideal que se tinha sobre a postura de mulher japonesa, à época do conto, asseverava que uma mulher de tenente deveria segui-lo aonde quer que ele fosse, incluindo à morte. Tinha Reiko outra opção? Mais que isso, tinha Reiko outro desejo?

Diante do cenário da morte iminente de Shinji, Reiko principia a organizar seus poucos pertences e a destiná-los a pessoas próximas, afinal o suicídio é um golpe (*coup*) que, se bem-sucedido, não pressupõe um depois (*après-coup*), pois é o único ato que pode ter êxito sem falhar (LACAN, 1995), como ocorre no conto analisado. Dizemos que o desejo de Reiko era do outro (Shinji), sem com isso impedir suas possibilidades de satisfação. Shinji, ao chegar em casa resoluto do suicídio

e enunciar “[e]sta noite vou abrir minha barriga”, obtém como resposta “[e]stou pronta [...] peço permissão para acompanhá-lo”, ao que Shinji conclui “[ó]timo. Partiremos juntos. Mas quero que, antes, seja testemunha do meu suicídio. Concorde?” (MISHIMA, 1987, p. 109).

Ao convocar Reiko como testemunha, Shinji incute nela uma noção de responsabilidade, demandando-lhe uma resposta ao que lhe apresentava. Em um momento histórico-social que notadamente apagava o poder decisório feminino, ser convocada a dar uma resposta e testemunhar o episódio de suicídio do marido fez com que Reiko gozasse “comovida com a grandeza da confiança que o marido depositava nela” (p. 109-110).

O gozo em Mishima é como os objetos de desejo: precisam ser cindidos, destruídos (HIRATA, 2005, p. 133), para terem existência na exterioridade. Mishima trabalha essa noção pontuando que, para Reiko, Shinji era tanto fonte como objeto de desejo e, ao vê-lo aniquilando sua vida, cindindo o próprio corpo com a espada, ela alcança uma dimensão de existência inigualável:

Lembrando-se de que a dor que há pouco havia cavado um abismo entre ela e o marido ia se tornar agora parte de sua experiência, via apenas o prazer de entrar no reino do qual o tenente já se apossara. [...] Finalmente ia sentir também o gosto amargo e doce do grande princípio moral no qual o marido acreditava. O que até então fora sentido levemente através do exemplo marido, ia experimentar diretamente com sua própria língua (MISHIMA, 1987, p. 127).

No trecho, nosso gesto de análise pontua que, nesse momento, Reiko encontra-se na iminência de passagem ao ato limite (LACAN, 1995), concretizando a ida para o lado de seu marido. Nesse trecho, também, Reiko parece estar próxima de experimentar um saber/sabor do qual não se sabe, nem nunca saberemos, pois não pode ser compartilhado *a posteriori*. Trata-se, assim, de um momento de proximidade acentuada do gozo mítico do corpo, o gozo originário, associado à constituição primordial do sujeito e de suas experiências de satisfação e alívio. Em outras palavras, é como se Reiko se visse às portas de um gozo pleno, em que o que falta-a-ser, o “mais-de-gozar” lacaniano, parece-lhe como que acessível de maneira única.

Cabe indicar que trechos como esse, se confrontados com a biografia do próprio Mishima, revelam que a escrita do autor talvez cumpra as funções de uma experimentação de ruptura com a vida, numa experiência do gozo destrutivo que, contudo, não implica necessariamente a própria morte do autor, tal qual indicado pelo filósofo Georges Bataille ([1957] 2017b) ao discutir a relação curiosa entre literatura e destruição. Nesse sentido, parece-nos bastante plausível supor que, em “Patriotismo”, Mishima mobiliza descrições e procedimentos ritualísticos de suicídio que, conforme afirma Hirata (2005), puderam funcionar quase como um ensaio do suicídio real cometido pelo escritor em 1970, aliás nos mesmos moldes encenados por Shinji. Vida e morte. Vida-morte.

A literatura talvez tenha servido a Mishima como sua própria experimentação de um gozo inalcançável, como se ensaiasse na ficção o que a realidade não cessava de incidir. Mishima e Shinji. Mishima-Shinji. Dois heróis que ousaram seguir a dimensão trágica do desejo, portanto, perseguir sua concretização, mesmo que isso implicasse em aniquilação.

Reiko, heroína, tampouco temia a destruição: “[n]ão sentia o medo da morte que pairava sobre ela. [...] Era como se seu corpo pudesse se derreter facilmente para se transformar na mínima fração dos pensamentos do marido” (MISHIMA, 1987, p. 107). Nesse momento, Reiko desejava o desejo do outro – marido –, queria preencher-lhe a falta e os pensamentos, ser alvo por sua vez do desejo dele. Da mesma forma que Shinji desejava o desejo imaginado do Estado Japonês, “[c]ada palavra [dele], com raízes na ideia da morte” (p. 109) também servia à esposa como insumo para se inscrever no desejo do desejo do Outro. Lacan ([1958-1959] 2008, p. 40) assevera que, na estrutura do desejo, “[o] que se produz é a identificação do sujeito ao Outro da demanda, na medida em que este é o todo-poderoso”. O arranjo triplice Reiko > Shinji > Estado Japonês enuncia a condição faltosa do desejo e a necessidade constitutiva do outro/Outro na instância subjetiva.

Ainda nesta triplice, reconhecer-se outro do outro pode acionar instantes de gozo, na medida em que estar nas tramas do desejo de outrem é sentir-se o todo-poderoso de

alguém, vendo-se investido de poder para e sobre alguém. No caso do casal, Shinji viu-se todo-poderoso quando Reiko pediu permissão para acompanhá-lo no suicídio, ao que ele sentiu:

que as palavras eram o fruto final da educação que ele próprio havia dado à mulher, a partir da noite de casamento, levando-a a dizer no momento exato o que devia ser dito, sem sombra de hesitação. Isso confirmara sua opinião de ser um homem que confiava em si mesmo (MISHIMA, 1987, p. 110).

Lacan ([1958-1959] 2008, p. 49) segue pontuando que a estrutura do desejo, para além desse espectro do todo-poderoso, dispõe também de uma função vocativa, isto é, uma estrutura significante que demonstra que o destinatário não é de modo algum o “eu” que fala, mas um outro para quem nos dirigimos. Tal estrutura significante é encontrada em qualquer forma vocativa imperativa, como o exemplo que Lacan traz: a expressão bíblica “Levanta-te e anda”. Ocorre que, no conto, a função vocativa do desejo na diáde Reiko > Shinji é escamoteada pelo sistema cultural do pensamento japonês, no qual o evoco é sempre sugerido, mais do que expresso com marcações discursivas. Essa é uma das tônicas da língua japonesa, a sugestão de uma ordem por uma sentença de aspecto declarativo. Shinji não diz “Levanta-te e anda”, mas diz “[e]sta noite vou abrir minha barriga”, ao que Reiko acrescenta “[e]stou pronta”, pedindo permissão ao marido, que, finalmente, conclama “[p]artiremos

juntos, mas quero que seja minha testemunha” (MISHIMA, 1987, p. 109). Gozo e desejo se encontram antes de se tocarem. E quando se tocam, a cena da dimensão trágica está feita. É o começo do fim.

Desde a primeira página, a narrativa caracteriza os personagens de Shinji e de Reiko como figuras quase divinas, o que permite associá-los, de antemão, à dimensão ritualística do sagrado: “[o]s últimos momentos desse heroico e dedicado casal foram de molde a fazer chorar os próprios deuses” (MISHIMA, 1987, p. 103). Nesse sentido, encontra-se no casal a retratação magnificada do sagrado, tal qual sugerida por Bataille ([1957] 2017a), não apenas na descrição idealizada de seus próprios corpos, claramente correspondentes aos ideais estéticos da cultura japonesa, como também na construção do espaço de sua casa, cuja descrição constitui, no tecido narrativo, interessante membrana entre Shinji, Reiko e o Japão ao redor deles – como se os isolasse para um além-mundo, em que gozo, lei e transgressão se misturam e se supõem indistintamente.

A casa contém, em si, um santuário às sacralidades imperiais, o que denuncia a estrutura múltipla do conto: as ramificações da tensão entre interior e exterior, entre “eu” e mundo, entre “eu” e Outro aparecem e reaparecem a cada passo da narrativa na direção da concretização ritual da morte. Com efeito, desde o momento em que decidem morrer, os dois parecem viver o gozo da anulação de si mesmos em nome do ideal sacrificial de um sa-

O tenente tinha certeza de que não haveria nada de impuro na alegria experimentada por ambos, quando resolveram se matar. Tinham sentido naquele momento – embora não conscientemente – que os prazeres permissíveis que compartilhavam a sós estavam mais uma vez sob a proteção do Poder Divino e Justo e de uma moralidade completa e inatacável. Olhando-se nos olhos e descobrindo neles a morte honrosa, sentiram-se mais uma vez protegidos pelas paredes de aço que ninguém pode destruir, envoltos em uma armadura impenetrável de Beleza e de Verdade. Assim, ao invés de ver inconsistência ou conflito entre as necessidades da carne e a sinceridade do seu patriotismo, o tenente conseguia visualizar as duas coisas como se fossem uma só (MISHIMA, 1987, p. 112).

Como se vê, as impressões de Shinji revelam uma intrincada sobreposição entre o cumprimento da lei, a morte e o desejo sexual experimentado com a esposa. Por meio da submissão absoluta à lei do Outro, Shinji e Reiko experimentam uma forma autorizada de gozo, correspondente ao gozo fálico laciano, o gozo submisso à linguagem e aos parâmetros sociais; contudo, vivenciam essa experiência como se a ela não faltasse o mais-de-gozar, entregando-se de forma completamente honrada ao sexo e à morte. Nesse sentido, o ritual suicida é, em todas as suas etapas, do sexo ao destrinchamento, expressão mística de um suposto gozo do corpo, do excesso primordial inconcebível, dos traços mnêmicos que sugerem o retorno de um irretornável.

Por isso, a relação sexual de ambos, vivida antes da concretização

do suicídio, é experimentada e retratada com tamanha intensidade, impossível de repetir, dado que a morte e o gozo sensorial parecem, para o próprio Shinji, identificados, “como se o objeto do desejo do seu corpo fosse a própria morte” (MISHIMA, 1987, p. 113), de modo que o tenente passa a experimentar, na iminência desta, uma sensação de liberdade plena, completa.

O espaço da casa, em que ambos se entregam um ao outro em seu último derramamento sexual, é visto como “uma ilha solitária no oceano de uma sociedade que prosseguia incansável como sempre na sua atividade de todos os dias” e, em face dessa percepção, Shinji se coloca claramente como vítima de sacrifício: “[à] sua volta, vasta e desordenada, estendia-se a terra pela qual ele chorava. Ia dar a vida por ela” (MISHIMA, 1987, p.114). O que tais colocações sugerem, portanto, é justamente um aspecto ritual do gozo, que o jovem casal virá a experimentar na transgressão dos próprios limites, em que a morte do eu coincide com o êxtase supremo da transformação de ser em não ser. Por isso, a relação sexual entre eles é descrita como mergulho do “eu” no outro: “[s]eus corpos, úmidos de suor, apertavam-se um contra o outro, e cada centímetro das duas formas jovens e belas formavam um todo tão uniforme que parecia impossível qualquer separação” (MISHIMA, 1987, p. 117).

Por fim, após a dissolução vivenciada no gozo sexual, o tenente e a esposa encaminham-se para a morte concreta – que é vista, por ele, como oportunidade ímpar de “mor-

rer em duas dimensões”. O *seppuku*⁸, ritual de suicídio por ele cuidadosamente planejado, implicava a mesma glória (que não deixa de ser, de certa forma, gozo fálico) que a morte em combate – honra que ele jamais pensara poder experimentar diante dos olhos da esposa. Estaria, então, diante do Outro em sua mais plena constituição, dado que Reiko, eleita como sua testemunha, representava a um só tempo as muitas dimensões de seu desejo pelo Outro: a Casa, a Nação, a Bandeira do Exército, o Império e o próprio primado de um gozo do corpo. Assim como a própria esposa acreditava que sua própria morte deveria ser vivida como desejo do outro (seu marido), é também pelo Outro que o tenente se põe a morrer, vendo-o nela, como “presenças que o observavam de perto, com olhos atentos” (MISHIMA, 1987, p.117).

Finalmente, porém, no relato detalhado do ritual em que o tenente atravessa a própria barriga com a espada, Mishima nos permite vislumbrar a quebra dessa imagem de absoluto implacável que o casal parecia atribuir à experiência do suicídio. A morte, em si mesma irrelatável, encontra concretude no ritual, mas, neste, o “eu” que morre, tão certo, até então, de estar diante da plenitude, descobre-se incapaz de encontrar a verdade última da experiência impossível, que se revela na fragilidade do corpo. Indaga-se, com incerteza:

[s]eria isso o *seppuku*? — pensava ele. Era uma sensação de completo caos, como se o céu tivesse despenhado sobre sua cabeça e o mundo estivesse cambaleando, embriagado.

⁸ O chamado *seppuku* (切腹) é uma forma de ritual japonês suicida por des-trinchamento, originalmente reservada apenas aos samurais, que era vista como alternativa a situações em que a morte pelas mãos de inimigos desonrosos se apresentava como inevitável, em contextos de guerra. Ao samurai, era preferível morrer pelo *seppuku*, de forma honrosa, a sofrer tortura por parte de seus oponentes.

A força de vontade e a coragem, que pareciam tão robustas antes do golpe, reduziam-se agora a um único filete de aço, e assaltou-o a sensação estranha de que devia seguir a direção desse filete, agarrando-se a ele desesperadamente (MISHIMA, 1987, p. 123).

Compartilha-se, num trecho como este, o âmago dos devaneios humanos que entremeiam o gozo, a morte e a estruturação do desejo em seus limites. A iminência da morte violenta, de forma semelhante ao orgasmo vivido pelo casal, é retratada como experiência de dissolução do "eu", em que, pela lógica do desejo, o Outro (o mundo) o toma de assalto, numa mistura excessiva, caótica e disforme entre interior e exterior. Não é à toa que Shinji, nos espasmos de seus momentos finais, vomita pelos lábios e pelo próprio corte traçado no ventre: suas entranhas se lançam, concretamente, para o mundo, na medida em que este, antes exterior puro, força-se para dentro dele, destruindo-o em golpe de espada. Este "único filete de aço" em cuja direção o jovem sente-se impelido a seguir, na trilha incontrollável e trágica do próprio desejo, garante-lhe o heroísmo, sem que este lhe ofereça nenhuma garantia, deixando-se macular pela inveterável falta que constitui o humano:

Seria impossível imaginar um espetáculo mais heroico do que o do tenente naquele momento quando, juntando todas as suas forças, lançou a cabeça para trás. [...] Somente a mão direita se movia. Com imenso esforço agarrou a espada, que se ergueu no ar, trêmula como a mão de um fantoche, e procurou levar a

ponta da lâmina para a base do pescoço. Reiko observou aquele esforço derradeiro, extremamente comovente e fútil. Faiscando com sangue e gordura, a ponta procurou atingir a garganta uma vez, outra vez mais. E sempre errava o alvo. A força para guiá-la não existia mais. A lâmina errática atingiu a gola e a insígnia. Embora desabotoada, a gola militar engomada tinha se fechado novamente, protegendo o pescoço (MISHIMA, 1987, p. 125).

Eis, exposta, toda a contradição experimentada pelo "eu-desejante" em sua relação com a alteridade, eis a expressão última do conflito entre eu e Outro nesse conto: Shinji, que esperava viver heroicamente, no corpo, uma experiência plena de gozo, honrada pela lei, em sintonia com todos os seus desejos por desejos do Outro em suas tantas formas, vê-se incapaz, no momento crucial, de finalizar o próprio ritual de suicídio. O que o impede? A princípio, sua própria aniquilação, que lhe rouba as forças com as quais movia a lâmina; mas, mais importante que isso, a gola militar, símbolo das honrarias heroicas às quais se entrega ao rasgar a própria barriga.

O uniforme que veste para, mesmo após a morte, deixar ao Outro a mais honrada imagem de si, a mesma farda que o protegia e honrava em combate, agora lhe impunha de novo a extrema condição de desamparo que nos faz humanos: Shinji não consegue finalizar sozinho o ritual. Numa cena extremamente simbólica, Reiko precisará guiá-lo, abrir os botões da farda, segurar a espada que o atravessa.

Evidencia-se, assim, o paradoxo da alteridade, cuja ajuda é necessá-

ria até para morrer, e a indissociável condição de fragilidade experimentada pelo humano. Ainda que acreditasse estar se entregando, ainda que sentisse como única a oportunidade de viver tamanha completude de experiências, Shinji só consegue morrer quando ajudado pela esposa. A lógica de um gozo pleno se interrompe, a falta toma seu lugar, e a cena torna-se novamente uma cena de desejo: desejo do Outro. É isso que Reiko revela, ao cortar o pescoço, tal qual o marido: antes, prepara-se, arruma-se, maquia-se, abre a porta da casa ao mundo, prende as vestes com cinto e cobertor. Quer ser vista, ainda que depois de morta. Mata-se pelo Outro. E o que era gozo se desfez...

Considerações finais

Che Vuoi? O que queres? É o que Lacan ([1958-1959] 2008, p. 43) se pergunta ao longo de seu seminário dedicado ao desejo e sua interpretação. Pode-se dizer que essa questão é a resposta do Outro ao ato de falar do “eu-desejante”. “O que queres?” é uma pergunta em tom de solução que apresenta ao sujeito a possibilidade de tudo desejar, mas nada alcançar. O desejo é sempre negatividade, puro e sem objeto. Na estrutura desejante da diade Reiko > Shinji, o outro/Outro se mostra como uma instância que promete a completude, o fechamento de um lugar que é composto contraditoriamente pela falta. Reiko deseja o desejo de Shinji, que, por seu turno, deseja a morte honrada cancelada pelo Estado Japonês ao qual imagi-

na servir. O herói busca o desejo mesmo que isso represente sua aniquilação. Shinji persegue a honra caindo na inércia. Reiko busca o gozo onde não há senão a morte. Há um tanto de beleza na tragicidade do herói que não cede em seu desejo. A experiência do casal denota que, quando desejo e gozo se tocam de frente, a destruição é consequência imediata. Um ato que não tem um *après-coup*.

A diade Reiko > Shinji também nos mostra que a dependência constitutiva do Outro não está somente nas formas de alienação e socialização. Está também em todas as formas de viver e de morrer, uma vez que Shinji não precisou apenas da companhia de sua esposa, mas, sobretudo, de sua assistência, nas duas acepções que este verbo pode denotar. Por um lado, a assistência presencial de olhos que o acompanharam e que clamaram pelo espetáculo gozoso do herói que toca a glória. Por outro, a assistência que auxiliou o desamparo do sujeito que não é todo, não é completo e não basta a si. Cometer o suicídio, ainda que seja sempre de ação voluntária, é um ato em que o outro/Outro está implicado, quando não simbolicamente, em presença física, auxiliando a abertura da gola do uniforme militar que não cessa de constatar o desamparo primordial do sujeito, qual filhote de homem nascido no mundo dos significantes. À vista disso, mesmo o ato de aparência mais individual possível, como é o suicídio, sempre retoma a presença do Outro, como na relação entre Shinji e o Estado Japonês, entre Shinji e Reiko, e, por fim, entre Rei-

ko e os vizinhos e amigos, para quem destinou seus pertences e deixou vestígios para descobrirem os corpos jazidos sem vida.

Ressaltamos ainda que não perdemos de vista a hipótese de que tirar suas próprias vidas em um ritual conjunto foi motivado não somente pelo pacto matrimonial existente à época, mas, sobretudo, em uma tentativa de aplacar o peso insuportável do desamparo de viver. Se eu não sei o que eu desejo, talvez entregar minha vida Àquele de quem eu desejo ser o desejo seja uma forma de enodar o que insiste, mas resiste à significação. Nesse sentido, as questões humanas mais complexas e profundas, que envolvem desejo, gozo e suicídio, poderiam encontrar um caminho de simbolização nas linhas da literatura de Mishima e em outros tantos autores que ousaram trabalhar com essas problemáticas subjetivas que não cessam de interpelar o sujeito em sua cena diária. O retrato do ritual sacrificial de Shinji pode ser considerado experiência que propicia ao próprio leitor a mesma mistura profunda entre o “eu” e o gozo de Shinji e de Reiko. Permite-lhe, desse modo, morrer como o casal, vítima de sacrifício em cujo gozo se garante a sustentação da honra exterior. É dessa forma que a literatura alcança o direito de dizer tudo: por meio dela, vive-se, sem morrer, o gozo da transgressão e da violência, que, como para Shinji e Reiko, assumem feições da mais sublime honradez.

Dessa forma, vemos nas linhas de “Patriotismo”, os sujeitos às voltas com seu desejo, o que poderia

anunciar uma peça sóbria com uma simples cena vã, ou uma épica trágica e fatal. Mishima escreve a segunda. E no bojo da escrita da tragédia, o tratamento do gozo – o gozo impossível, o gozo último – encontra eco somente no *seppuku*. O que Shinji ilustrou na narrativa, Mishima ensaiou e realizou na vida. Talvez por isso, “Patriotismo” deixe de ser apenas um *Shishôsetsu*, alcançando a categoria de um diário, um prelúdio, ou quem sabe um epítáfio. Mishima mobiliza – não somente em “Patriotismo”, como em grande parte de sua obra – questões muito difíceis, como suicídio, sexualidade, morte e vida, quase como se essas questões pulsassem incessantemente no “eu”.

Ao ler “Patriotismo”, por vezes, nos questionamos se estamos imaginando o Tenente Takeyama ou o escritor japonês na cena de suicídio e na descrição dos instantes finais. Mishima e Shinji. Mishima-Shinji. A literatura gostaria de ter visto a sublimação de Mishima por mais tempo, visto que a precoce morte do autor japonês – ou seria do Shinji real? – impediu que desfrutássemos de mais obras que não só questionassem a existência humana, como fizessem-no de forma original, complexa e vívida. Não a vida em função dela mesma, mas de seu complemento natural: a morte. Vida-morte. Há, por acaso, um entre-lugar? Poderia haver, ao menos na literatura, que tudo pode, tudo suporta. Mishima poderia ter descrito esse entrelugar se não tivesse destinado a si mesmo o mesmo lugar de Shinji e Reiko, sem tratar do desamparo humano, caindo na inér-

cia. Mishima pode ter trabalhado seu desapareço a fim de “[c]riar lugar no vazio [a partir de uma] proposta da sublimação nos termos da arte. Não evitá-lo, como faz a religião, colocando Deus em seu lugar, nem rejeitá-lo, como faz a ciência, na aspiração de um saber absoluto” (MAURANO, 2005, p. 24). Mishima não contornou a falta, mas experimentou do saber/sabor de quem imagina, escreve e vive o gozo em sua plenitude. E na curiosidade de sujeitos igual-

mente impelidos pelo desejo, perguntamo-nos: e que gosto teria o gozo último? E que compreensão possibilitaria sobre a vida e a morte? Não sabemos, nem saberemos. Quem poderia nos contar desse saber/sabor está colhendo os louros da tragédia do herói que encontrou o que buscava. Achou na morte a explosão de vida; encontrou no suicídio não o fim, mas o eterno retorno ao nome: Mishima e Shinji. Mishima-Shinji. Mishinji.

Suicide, desire and jouissance in literary writing: a psychoanalytic analysis of Yukio Mishima's "Patriotism"

Abstract: This article describes the results of an analysis of a short story written by the Japanese writer Yukio Mishima, in which questions about suicide, sex, honor, and patriotism are discussed – specially the latter, which names the work. This short story is considered relevant because it allows interpretation gestures through fields that surpass literary and text theories, allowing articulations with propositions from discourse and psychoanalysis fields. This last one is the most substantial in this work, because it allows (re)thinking possibilities on the themes of subjective constitution, writing, desire and otherness. In order to conduct the present research, we have adopted as a method the bibliographical review and the discursive analysis of linguistic materiality. With the discursive material as a starting point, it was possible for us to bring about meaning effects that emerge from the text of Mishima and point to interpretations linking in a complex way the notions of body, sex, jouissance and suicide as a motto for creation. Preliminary results stress out that due to the specificity of Mishima's writing – as well as the complex dimension of the themes he addresses – the interpretation gestures from the reading amplify and subvert meanings of life-death, suicide, desire, while raising questions on writing as an exercise to reach sublimation.

Keywords: Japanese literature; psychoanalysis; writing; Yukio Mishima.

Referências

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, (1957) 2017a.

_____. *A literatura e o mal*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, (1957) 2017b.

CORACINI, Maria José. Leitura ou interpretação: pulsão escópica e gestos de violência. In: FLORES, Giovanna Gertrudes Benedetto; NECKEL, Nadia; GALLO, Solange Leda (orgs). *Análise de discurso em rede: cultura e mídia*. Campinas: Pontes Editores, 2015.

CUNHA, Andrei; KANASHIRO, Victor. Suicídio e política em tradução: Mishima como um texto brasileiro. In: *Letras & Letras*, Uberlândia, v.32, n.1, p. 244-266, jan/jun 2016.

FREUD, Sigmund. Projeto para uma Psicologia Científica. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v.1*. Rio de Janeiro: Imago, (1895) 1977.

_____. Além do princípio do prazer. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas, v. 14: História de uma neurose infantil (“o homem dos lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, (1920) 2010.

HIRATA, Hosea. To slit the beautiful body/text: Mishima’s jouissance to death. In: _____. *Discourses of seduction: history, evil, desire and modern Japanese literature*. Massachusetts: Harvard University Press, 2005.

KATO, Shuichi. *Tempo e espaço na cultura japonesa*. Trad. Neide Nagae e Fernando Chamas. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2012.

LACAN, Jacques. *Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

_____. *O seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, (1962-1963) 2005.

_____. *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, (1959-1960) 2008.

_____. *O seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, (1958-1959) 2016.

LEE, Henrique de Oliveira. *O espaço autobiográfico em Yukio Mishima*. 2007. 124 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários). Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2007.

MAURANO, Denise. *Nau do desejo*. Rio de Janeiro: Editora Relume-dumará, 1995.

METZGER, Clarissa. *A sublimação no ensino de Jacques Lacan: um tratamento possível do gozo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

MISHIMA, Yukio. Patriotismo. In: _____. *Morte em pleno verão e outras histórias*. Trad. Aulyde Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

MOHOMED, Carino. La pureza del samurái – historia y política en el pensamiento de Yukio Mishima. In: *História*, São Paulo, v.31, n.1, p. 121-144, jan/jun 2012.

SAFATLE, Vladimir. *Introdução a Jacques Lacan*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

WAKISAKA, Geny. Notas sobre a literatura japonesa. In: *Revista USP*, São Paulo v.27, p. 74-81, set/nov 1995.

Recebido em: 27/11/2018

Aprovado em: 07/03/2019